

## GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO IR EM CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS: USOS E TENDÊNCIAS

### GRAMMATICALIZATION OF THE VERB GO IN PERIPHRASTIC CONSTRUCTIONS: USES AND TRENDS

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva<sup>1</sup>

Stella Trindade Moreira<sup>2</sup>

**Resumo.** A pesquisa averiguou o processo de gramaticalização e o estatuto categorial do verbo *ir* em construções perifrásticas do sistema linguístico. O objetivo foi analisar os usos gramaticalizados do verbo *ir* em construções perifrásticas na fala dos moradores de Belém, além de indicar novas tendências de uso; para tanto, utilizou-se Gonçalves *et al* (2007), Martellota *et al* (1996), Martellota (2011), Strogenski (2012) e Rosário (2010) como suporte teórico básico. Os resultados indicam o verbo *ir* em estágio final de gramaticalização em contextos no futuro do pretérito e futuro do presente; e em estágio intermediário de gramaticalização em contextos no pretérito perfeito, indicando nova tendência de uso.

**Palavras-chave:** Verbo *ir*. Construções perifrásticas. Gramaticalização.

**Abstract.** The research investigated the process of grammaticalization and the categorical status of the verb *go* in periphrastic constructions of the language system. The objective was to analyze the grammaticalized uses of the verb *go* in periphrastic constructions in the speech of the inhabitants of Belém, and to indicate new trends of use; for this purpose, we used Gonçalves *et al* (2007), Martelotta *et al* (1996), Martellota (2011), Strogenski (2012) and Rosário (2010) as a basic theoretical support. The results indicate the verb *go* in the final stage in grammaticalization contexts in the future tense; and grammaticalization intermediate stage in contexts in the past tense, indicating new trend of use.

**Key words:** Verb *go*. Periphrastic constructions. Grammaticalization.

#### Considerações iniciais

Admitir o processo de gramaticalização é admitir também a renovação do sistema linguístico e, por conseguinte, a concepção de que não existe uma gramática perfeitamente acabada e definida, mas, pelo contrário, entende-se que continuamente os falantes da língua modificam o estatuto categorial dos itens, levando-os a assumir outras funções.

<sup>1</sup> Doutora em Semiótica e Linguística Geral/USP. Docente e pesquisadora da UEPA/UNAMA. E-mail: [cardoso\\_socorro@yahoo.com.br](mailto:cardoso_socorro@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [stella\\_trindade@hotmail.com](mailto:stella_trindade@hotmail.com)

Sob esse prisma, entende-se que a gramática renova-se com o passar do tempo, expandindo seus padrões funcionais, de modo que o que hoje pertence a categorias gramaticais, em períodos anteriores poderia constituir itens lexicais, por exemplo. Nessa perspectiva, Possenti destaca o fato de que: “Uma das coisas que aprendemos na escola é que o português veio do latim. Ou seja, que o português é uma língua que não foi sempre o português, não foi sempre como é.” (2005, p. 37). A afirmação de Possenti corrobora esse ponto de vista, uma vez que as modificações sofridas pelo latim até chegar ao português arcaico, e do português arcaico até o português atual são demasiadamente severas e inegáveis.

O processo de mudança obviamente não é característico apenas do nosso idioma, mas sim de todos os sistemas linguísticos, posto que a mudança é um fenômeno natural nas línguas. Válido é dizer ainda que apesar de toda a gramaticalização ser relativa à mudança linguística, porém nem toda mudança é resultado da gramaticalização. A gramaticalização é vista então como o “trânsito de uma forma livre, menos gramatical, para uma forma ligada, mais gramatical” (CASTILHO, 2010, p. 982).

Partindo da compreensão de que a renovação da língua é espontânea e essencial para sua própria sobrevivência, e que averiguar os variados processos pelos quais isso ocorre é tarefa dos professores/pesquisadores da linguagem, esse trabalho analisa o estágio de gramaticalização do verbo *ir* nas construções perifrásticas *ir+infinitivo*, objetivando identificar quais contextos são mais propícios para o surgimento das perífrases com verbo *ir* e em qual grau de gramaticalização elas encontram-se.

Escolheu-se esse fenômeno, pois sua assiduidade é notória em vários contextos, tornando relevante averiguar a fundo sua motivação e características próprias. Para isso, coletou-se amostras da fala de quatro sujeitos residentes da cidade de Belém, sendo dois do sexo feminino e dois do sexo masculino em contextos comunicativos informais, os dados foram registrados durante o período de agosto a setembro do ano de 2014. Para a consecução da pesquisa utilizou-se como referências base Gonçalves (2007), Martellota (1996) e Martellota (2011).

A relevância do trabalho é justificada uma vez que estamos diante de uma área ainda pouco explorada, sendo de grande valia a expansão do arcabouço teórico e de dados nesse campo, para que o complexo mecanismo do sistema linguístico possa ser compreendido, auxiliando e instrumentalizando os docentes no ensino e reflexões a respeito da língua materna.

### **Aporte teórico: conceituação e definições fundamentais**

É consensual entre os estudiosos da linguagem o reconhecimento da variabilidade linguística como atributo inerente ao sistema. Sob esse prisma, entende-se que os falantes, ainda que inconscientemente, provocam mudanças no modo de se expressar consonantes às suas necessidades comunicativas. Essa afirmação é facilmente legitimada ao observarmos, por exemplo, o movimento de mudança realizado do latim para português ou do português medieval para o português moderno.

No entanto, tais mudanças não ocorrem de maneira abrupta, pelo contrário, instalam-se de forma gradual, passando por etapas de transição e podendo alcançar diversos níveis: semântico, sintático, fonológico, lexical e morfológico. Labov, o pioneiro, é considerado um dos maiores representantes dos estudos referentes à variação linguística, abrindo caminho para novos métodos e teorias nessa área. Atualmente são muitos os estudos voltados para a explanação e catalogação da renovação no sistema linguístico, sendo a Gramaticalização um dos principais.

A definição mais geral de Gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical passa a receber características específicas de unidades gramaticais, ou quando unidades gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Haine elabora a seguinte definição para a Gramaticalização:

Um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical. (HAINE, 1991 *apud* GONÇALVES, 2007, p.23)

Originalmente, esses estudos mantinham intuítos historicistas, isto é, eram uma ferramenta da linguística histórica, que complementava as pesquisas no campo etimológico e os estudos que investigavam a evolução histórica das palavras, assumindo, assim, uma perspectiva evidentemente diacrônica.

Atualmente, os trabalhos no campo da gramaticalização podem ser realizados tanto sob a perspectiva diacrônica quanto sincrônica, dependendo da intencionalidade do trabalho. Por esse modo, se o que se pretende é investigar de que maneira as formas gramaticais surgem e de que modo elas se desenvolvem no sistema linguístico no decorrer do tempo, é mais coerente fazer uso da perspectiva diacrônica. Por outro lado, em se objetivando detectar os graus de gramaticalização de um determinado fenômeno num

recorte de tempo demarcado, valendo-se do ponto de vista discursivo-pragmático, a sincronia parece adequar-se mais satisfatoriamente.

Em relação aos itens lexicais e gramaticais aqui mencionados, os distinguimos da seguinte maneira: os primeiros são aqueles que têm sentido representacional, ou seja, cujas funções são descrever, relatar, expressar ações e qualidades, tais quais os nomes, verbos e adjetivos. Os itens gramaticais, por outro lado, são chamados de elementos processuais porque refletem o processo de composição do texto (MARTELOTTA, 2011), eles estabelecem relações textuais, marcando as estratégias interativas na codificação de tempo, aspecto e modalidade, como é o caso das preposições, advérbios e auxiliares.

Nesse contexto, tem-se o processo ocorrido com o verbo *ir*, em que sua função de expressar movimento no espaço físico é deslocada para uma função mais gramatical, assumindo papel de auxiliar em relação a outro verbo, adotando a seguinte constante de mudança: [lexical] > [gramatical] / [gramatical]> [+gramatical].

À vista disso, depreende-se que o objetivo primordial da gramaticalização é averiguar quais itens estão tornando-se mais gramaticais, identificar seu estágio e indicar o percurso que cada um deles tomou para isso. Esse percurso segue o princípio da unidirecionalidade, que no tocante, postula o movimento de mudança sempre partindo de uma construção lexical para uma mais gramatical e nunca o contrário. Todavia, há estudiosos que defendem uma bidirecionalidade, ou ainda que a unidirecionalidade, em alguns casos, pode ser rompida, como fez Frajzyngier (1996), segundo Gonçalves, afirmando que o processo inverso também é possível:

Casos como esses fizeram Frajzyngier (1996) postular a hipótese da bidirecionalidade da gramaticalização. Analisando as orações temporais e condicionais das línguas chádicas, apresentou evidências de dois *continua*, quais sejam orações desenvolvidas de condicionais para temporais e também temporais para condicionais. Tendo em vista que o autor considera que, cognitivamente, tempo é categoria mais básica que condição, então, pelo, menos nesse âmbito cognitivo, há uma reversão de direção esperada em se tratando do segundo fenômeno. (2007, p. 41)

Segundo Givón (1979 *apud* MARTELOTTA et al, 1996, p.8) a gramaticalização das categorias lexicais se dá seguindo os estágios abaixo:

Discurso > sintaxe > morfofonologia > zero

A gramaticalização pode ser estudada a partir de processos simultâneos. Ou seja, ela pode dividir-se em subprocessos, tais quais: *sintatização*, que ocorre quando há o

deslocamento de formas livres do discurso, como verbos e nomes, para formas secundárias ou menos livres, como os advérbios, preposições e afixos, ocasionando o que denominamos recategorização. A *morfologização*, por outro lado, é o segundo estágio de mudança, nele surgem as formas fixas ou presas do sistema, por exemplo, os afixos derivacionais e flexionais. O último estágio é o da *desmorfemização*, que diz respeito à extirpação integral de um morfema, tendo sua função assumida por outros itens.

Além disso, alguns parâmetros também foram elaborados para o estudo desse processo. Coube a Hopper (1991) a sua criação, eles serviriam como auxiliares na identificação dos graus de gramaticalização e no apontar de suas tendências no sistema. Formularam-se então cinco parâmetros, denominados: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*.

A *estratificação* significa a coexistência de duas formas, uma antiga e outra inovadora, em um domínio funcional. Isso ocorre, pois apesar de continuamente formas serem inauguradas no sistema linguístico, elas não são substituídas instantaneamente, precisam de um período de transição onde a simultaneidade das formas antigas e inovadoras é inevitável. A *divergência*, por conseguinte, trata, segundo Gonçalves (2007), das diferentes codificações de uma mesma função, explicando, assim, a existência de formas etimologicamente iguais exercendo diferentes funções.

Quando há a coexistência de duas formas de um mesmo domínio funcional e gradativamente a preferência de uma se cristaliza em detrimento da outra, diz-se que o princípio da *especialização* está ativo. Comumente a unidade que recebe aumento na frequência de uso é aquela que se encontra numa etapa mais avançada de gramaticalização. O princípio da *persistência*, por outro lado, versa sobre a restrição de uso em determinados contextos que algumas formas já gramaticalizadas possuem por manterem características lexicais em seu significado. Isso faz com que a atuação sintática do item seja limitada, uma vez que ela não admite modificação por quantificadores, numerais e especificadores.

A *descategorização* é o último parâmetro apontado por Hopper, nele uma determinada forma altera seu estatuto categorial, assumindo posições secundárias e mais gramaticalizadas, como são os advérbios, pronomes e preposições, através da perda da autonomia linguística. Desse modo, segundo Gonçalves (2007), os itens gramaticalizados inclinam-se para a neutralização de aspectos morfológicos e sintáticos que caracterizam as formas plenas da língua.

Além da perspectiva puramente gramatical, é possível ainda estudar a gramaticalização sob o ponto de vista semântico, nesse contexto, a gradação do processo parte do [+concreto] para o [-concreto], ou seja, caminha para abstratização conceitual. A abstratização segue o percurso indicado por Heine (1991 *apud* MARTELOTTA, 1996, p.8), onde os traços mais concretos são aqueles próximos ao homem e os menos concretos aqueles que se distanciam, o que reflete a própria relação homem-linguagem.

Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

A sequência hierárquica com partes do corpo humano: “*braço (membro superior humano) > braço de mar > braço direito*”, por exemplo, demonstra esse tipo de progressividade. Tal evento põe-nos frente ao princípio da exploração de velhas formas para novas funções, esse princípio indica que itens abstratos derivam de formas concretas. Desse modo, entende-se que quanto mais abstrato for um item, mais podemos considerá-lo gramaticalizado. Entende-se a esse respeito que:

Os usuários da língua se valem de um número relativamente pequeno de forma de origem metafórica para exporem suas ideias e sentimentos. Nesse processo, pelo qual uma mesma forma passa a servir a múltiplas funções, os usuários utilizam-se de velhos itens lexicais e de velhas construções na gramática, para darem conta de novos contextos pragmáticos e semânticos. (MARTELOTTA et al, 1996, p.9)

No âmbito da análise semântica, há dois mecanismos de extrema importância que contribuem para que o deslocamento conceitual ocorra, são eles: *metonímia* e *metáfora*. No que tange à metáfora, pode-se dizer que diferentemente daquela concepção geralmente ligada às figuras da linguagem, ela é, no contexto da Gramaticalização, motivadora da abstratização de conceitos lexicais, através da extensão metafórica, conceitos de domínio lexical são transportados para domínios gramaticais. Esse tipo de abstratização reflete a relação homem-mundo, em que elementos mais próximos são mais facilmente definidos. Assim, temos:

A partir dela (metáfora) não se formam novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações por meio da extensão de significados. (GONÇALVES, 2007, p.43)

A metonímia, de modo semelhante à metáfora, consiste na extensão de significados baseado na associação semântica. Podemos defini-la como a propriedade

pela qual uma entidade pode ser posta em lugar de outra, fomentando a extensão de significados da unidade linguística. Pode ser entendida ainda como uma associação conceptual, uma vez que, segundo afirma GONÇALVES (2007, p. 47), “É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma ideia [...] é passível de formar um elemento do contexto.”

Não se poderia deixar de destacar, ainda, dois dos principais mecanismos motivadores da mudança linguística denominados *reanálise* e *analogia*. O primeiro refere-se à transmutação categorial de um item, ocasionado pelo enfraquecimento de suas fronteiras funcionais, levando-o a pertencer a uma categoria diferente da sua original.

A *analogia*, por outro lado, atuando no campo paradigmático, trata, segundo GONÇALVES (2007, p.49), da atração de formas pré-existentes por outras já existentes através da dilatação de regras linguísticas. Desta maneira, por analogia, algumas formas tomam para si padrões ou regras de formas semelhantes elas. A analogia é muito utilizada, por exemplo, pelas crianças em fase expansão vocabular, quando, por uma espécie de associação instintiva, utilizam a forma (*fazi*) no lugar de (*fiz*), uma vez que, seguindo uma lógica aceitável, consideram que a conjugação na primeira pessoa do singular dos verbos de terceira conjugação apresentam o sufixo *I*.

### **Metodologia e descrição do trabalho**

Partindo do entendimento de que a língua apresenta um movimento de mudança intrínseco à sua existência, buscou-se identificar e compreender quais itens do português brasileiro, na modalidade oral, estão passando por modificações. Escolheu-se, assim, entre as ramificações da teoria variacionista, a gramaticalização como modelo de estudo, levando em conta suas especificidades e almejando contribuir para a ampliação do arcabouço teórico nessa área.

Para obtenção do *corpus*, entrevistou-se quatro sujeitos estratificados socialmente, tendo como único pré-requisito ser residente da cidade de Belém. A mérito de esclarecimento, fornecer-se-á a descrição individual de cada um:

- Sujeito I (SI): sexo feminino, 35 anos, ensino médio completo, residente da cidade de Belém.
- Sujeito II (SII): sexo masculino, 52 anos, ensino fundamental completo, residente da cidade de Belém.

- Sujeito III (SIII): sexo masculino, 22 anos, ensino superior incompleto, residente da cidade de Belém.
- Sujeito IV (SIV): sexo feminino, 60 anos, ensino superior completo, residente da cidade de Belém.

Essas entrevistas obtiveram duração média de uma hora cada e adotaram os procedimentos metodológicos sociolinguísticos para produção dos dados. Portanto, alguns princípios específicos foram seguidos, entre eles o de permitir que os falantes se expressem espontânea e livremente, uma vez que o interesse da pesquisa centraliza-se justamente na análise do uso real da língua. Para isso, apesar de se ter elaborado um roteiro de questões, procurou-se conduzir as entrevistas semelhantemente a uma conversa informal, utilizando-o apenas como um guia para o próprio pesquisador. Desse modo, os sujeitos perpassavam livremente pelos temas que mais lhes interessavam, relatando-os livremente sem transmitir-lhes ares de uma entrevista formal.

Foi utilizada também como estratégia de coleta de dados a retomada a temas pessoais ou sentimentais, de forma que o falante absorva-se pelo o que está sendo dito e não com o modo que está sendo dito. Sobre isso Tarallo a firma:

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguística procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativo, os informantes desvencilham-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. (TARALLO, 1997, p. 23)

Como uma de nossas hipóteses era de que o *tempo verbal* pudesse ser fator determinante para análise, procurou-se conduzir perguntas contextualizadas em diversos tempos verbais - passado, presente e futuro - entretanto, claramente os acontecimentos no passado eram mais atraentes aos sujeitos, posto que sua recorrência é significativamente maior.

Selecionou-se, então, construções perifrásticas com o verbo “ir”, uma vez que se considerava que esse tipo de construção era assídua na fala dos sujeitos. Após realizar as entrevistas e comprovada sua produtividade, selecionou-se esse fenômeno para ser investigado no trabalho.

Consoante aos métodos variacionistas, a análise de dados será de cunho quantitativo, posto que se utiliza de valores percentuais para quantificar o aparecimento dos fenômenos e medir sua intensidade e abrangência. Não extirpando, por outro lado, os



métodos qualitativos, uma vez que demanda interpretações de comportamentos linguísticos e busca compreender sua motivação.

Desta maneira, o estudo da gramaticalização do verbo “ir” nas construções perifrásticas *ir+infinitivo*, neste artigo, será realizado sob o ponto de vista sincrônico, procurando demonstrar suas formas de uso e aferir novas tendências, considerando aspectos sociais, linguísticos e históricos.

## Apresentação e discussão dos dados

### Análise da presença de formas gramaticais do verbo ir

Distribuiu-se na Tabela (1) a frequência obtida do verbo “ir” nas suas formas mais gramaticais (como auxiliar de tempo) e na sua forma lexical (indicando movimento físico no espaço) do português moderno, em uma perspectiva geral, ou seja, sem especificar fenômenos. Para isso, como já referido, foram analisados textos na modalidade oral de quatro falantes por, em média, uma hora de entrevista cada.

**Tabela 1: Frequência léxica e gramatical do verbo ir**

| Sujeitos     | Formas      |                 |
|--------------|-------------|-----------------|
|              | gramaticais | Formas lexicais |
| Sujeito I    | 34          | 14              |
| Sujeito II   | 23          | 10              |
| Sujeito III  | 20          | 10              |
| Sujeito IV   | 31          | 15              |
| <b>Total</b> | <b>108</b>  | <b>49</b>       |

**Fonte:** dados de campo, agosto/14.

O verbo “ir”, segundo podemos notar, apresentou um total de 108 ocorrências gramaticais nas entrevistas realizadas, o que é considerado um número expressivo no que tange a alteração categorial em torno dos seus usos, uma vez que o alto índice de formas não lexicais sugere que o verbo em análise apresenta significativa variabilidade de sentidos.

Sob esse prisma, acredita-se ser a polissemia uma das desencadeadoras do processo de gramaticalização, uma vez que ao alcançar uma gama variada de significações, que só podem ser definidas por meio do contexto, contribui para o

aparecimento de diversas formas de uso. Assim, a frequência do emprego de uma determinada forma pode desgastá-la de modo a provocar o que se denomina de mudança linguística.

Já o sentido mais lexical de “ir” é como verbo pleno, indicando movimento físico ou deslocamento, como encontrado 49 vezes no *corpus* da pesquisa. Para exemplificar apenas um de cada sujeito, temos os exemplos (1), (2), (3) e (4):

1) *Eles (pais) não deixavam eu namorar, os meus irmãos me vigiavam... Eu saía de casa... “haaaa ...eu vou pra igreja”... não ia pra igreja, ia pra praça.* (SI)

2) *Peguei o dinheiro da indenização e fui primeiro em Imperatriz, lá eu trabalhei uns meses.* (SII)

3) *Ela disse: “O que tu é pra ela?” Sou primo dela. “Ah... tu é primo dela? Então vai logo lá na sala dela.”* (SIII)

4) *A gente foi num desses lugares (banheiro de estrada) e eu lembro que era um lugar até bem estruturado até.* (SIV)

Verifica-se assim, que “ir”, em seu estado mais lexical, evoca duas características básicas. Precisa manifestar um sujeito agente e o deslocamento no espaço físico, isto é, um ponto a se chegar, como em “Eu vou pra igreja”. Essa configuração verbal está presente em todos os exemplos citados acima, indicando a co-ocorrência na fala dos indivíduos de possibilidades não gramaticais - como essa - e outras mais gramaticais - como as que seguem.

Encontraram-se, assim, mais dois sentidos para “ir” em sua modalidade gramatical, o primeiro como verbo efetivo inceptivo (ir+infinitivo) e o segundo como verbo efetivo progressivo (ir+gerúndio). De maneira geral, ambos se referem a construções perifrásticas para expressar temporalidade e aspecto, no entanto, um diz respeito a ações progressivas e o outro a início ou processo de ações. Como, por exemplo, em (5), (6), (7), (8) :

5) *A mamãe falou: “você vai sair da minha casa, você vai casar!!”*  
(SI)

6) *Eu entreguei a chave de casa pra ela... E ela foi brincar na rua.*  
(III)

7) *Ele ficou muito revoltado no começo, mas depois ele foi aceitando.*

(S II)

8) *Aí eu fui falando pra diretora aquilo que eu achava e eu... eu acho que ela foi anotando aquilo tudo, né?* (S IV)

Assim, em (5) e (6) temos a formação de uma locução verbal, em que “ir” transforma-se em auxiliar de futuro, sendo responsável pela noção da flexão do verbo principal indicando tempo, pessoa, modo e aspecto. Em (7) e (8) há também uma locução verbal formada por *ir+gerúndio*, em que valores aspectuais e temporais se sobrepõem para expressar a ideia de ação continuada ou em progresso. Entretanto, a escassez de dados obtidos desse fenômeno (apenas 11 ocorrências no *corpus* da pesquisa, contabilizados na tabela 1) torna insuficiente uma análise detalhada. Por esse modo, a presente pesquisa centralizar-se-á mais especificamente no estudo de *ir* como verbo efetivo inceptivo.

### Verbo efetivo inceptivo

Quando *ir* assume sentido de verbo efetivo inceptivo, há a construção de uma sequência frasal constituída no mínimo de dois verbos, em que basicamente o primeiro expressa tempo, modo e aspecto e o segundo indica a ação praticada, formando a equação geral *ir+infinitivo*. Essa construção perifrástica comumente é usada para expressar o futuro do presente, pretérito perfeito e futuro do pretérito, como os exemplos (9), (10) e (11) encontrados no *corpus* da pesquisa.

#### Futuro do presente

9) *Até então eu dizia pra minha mamãe: “Mãe, eu acho que eu não sou sua filha... pode me falar que eu vou segurar isso.”* (S I)

#### Pretérito perfeito

10) *Naquela época tinha o Lotação... Você entrava e subia... Você subia e descia pela frente e eu via aqueles homens descer com o ônibus andando ainda... o ônibus parava e desciam... Fui fazer igual nesse dia, caí e me ralei todo.* (S II)

#### Futuro do pretérito

11) *Haaaa... O que eu ia ressaltar ainda em descer nesses lugares foi o milho... Milho que vende na beira de estrada... Uma coisa que*

*não esqueci... O lugar que a gente parou pra comer... Pra almoçar também.*  
(S III)

No entanto, é importante ressaltar que qualquer uma dessas sentenças pode ser substituída pelas formas sintéticas dos verbos. Assim, no lugar de *vou segurar*, teríamos *segurarei*; no lugar de *fui fazer*, usaríamos *fiz*; e, finalmente, em vez de *ia ressaltar*, empregar-se-ia *ressaltaria*. Por conseguinte, o processo de gramaticalização está justamente apoiado no fato de progressivamente os falantes preferirem utilizar o verbo *ir* como indicador de tempo, deslocando-o de uma categoria lexical para uma mais gramatical.

À vista disso, percebemos a alteração estrutural e semântica do verbo. Semântica, posto que houve uma extensão metafórica do conceito espacial para um conceito mais temporal, reconfigurando o movimento no espaço físico para um movimento no espaço temporal. Por outro lado, além disso, tem-se a alteração estrutural, que se dá à medida que *ir* toma o papel de verbo auxiliar, constituindo-se elemento responsável por expressar temporalidade nas sentenças frasais.

As Tabelas (2), (3) e (4) apresentam a distribuição do verbo *ir* expressando variados tempos verbais. A divisão fundamentada na categoria *tempo* foi escolhida, pois há uma acentuada relação entre essa categoria e a assiduidade dos fenômenos. As formas simples do futuro do pretérito, por exemplo, parecem ter entrado em desuso na linguagem oral, tendo em vista que todas as vezes em que se precisou expressar uma noção temporal no futuro do pretérito utilizou-se o modelo perifrástico, chegando a um percentual de 100% de preferência no *corpus* analisado, caracterizando a mudança linguística. A Tabela (2) elucida as afirmações:

**Tabela 2: Frequência de construções perifrásticas expressando futuro do pretérito**

| Sujeitos    | Construções perifrásticas para expressar futuro do pretérito | Forma simples para expressar futuro do pretérito |
|-------------|--|--|
| sujeito I   | 8  | 0  |
| Sujeito II  | 7  | 0  |
| Sujeito III | 4  | 0  |

|                   |           |   |
|-------------------|-----------|---|
| <b>Sujeito IV</b> | 7         | 0 |
| <b>Total</b>      | 25 (100%) | 0 |

**Fonte:** dados de campo, agosto/14.

Os exemplos (12), (13), (14) e (15) atestam a substituição do uso das formas simples para exprimir futuro do pretérito na modalidade oral da língua, embora ainda seja amplamente empregada na modalidade escrita e em situações comunicativas formais. Isso demonstra que nesse quadro, o processo de gramaticalização está em fase final, pois apresenta uma estabilidade de uso bem consolidada em todas as faixas etárias e níveis de escolaridade.

12) *Ele fez uma aposta... Que... Que... Ele ia ficar com a Cris e o Chumbada... disse que queria ver se ele ficava com amiga dela. (S I)*

13) *A gente era pobre... E ... a gente ia ajudar ele (pai) lavar carro lá no edifício. (S II)*

14) *Haaaa... O que eu ia ressaltar ainda em descer nesses lugares foi o milho... O milho que vendem na beira de estrada... Foi uma coisa que não esqueci... O lugar que a gente parou comer... Pra almoçar também. (S III)*

15) *Me senti muito ruim com aquilo (ir à festa) porque se minha vó e meu avô, que eu chamava de pai e mãe, né? Descobrissem aquilo, o que não ia dizer, né? ... o que não iam pensar de mim? ... ia pensar que tava participando daquelas... festas. (S IV)*

Empregos no futuro do presente também foram catalogados e distribuídos conforme a Tabela (3). Comprovando mais uma vez, que a preferência pelo verbo perifrástico é unânime, em determinados contextos.

**Tabela 3:** Frequência de construções perifrásticas expressando futuro do presente

| <b>Sujeito</b>     | <b>Construções perifrásticas para expressar futuro do presente</b> | <b>Forma simples para expressar futuro do presente</b> |
|--------------------|--|--|
| <b>Sujeito I</b>   | 12   | 0  |
| <b>Sujeito II</b>  | 2  | 0  |
| <b>Sujeito III</b> | 5  | 0  |

|                   |           |   |
|-------------------|-----------|---|
| <b>Sujeito IV</b> | 14        | 0 |
| <b>Total</b>      | 33 (100%) | 0 |

**Fonte:** dados de campo, agosto/14.

Os exemplos (16), (17), (18) e (19) demonstram a preferência pelas formas inovadoras.

16) *Só sei que quando eu disse que estava grávida, a mamãe falou: “Você vai sair da minha casa, você vai casar, em um mês ...mês e meio a gente teve que casar e sair daqui porque os vizinhos iam falar... Era do tempo dos vizinhos falarem, né?! (S I)*

17) *Aí meu amigo disse: “Olha... Vocês vão ter o privilégio de conhecer um grande sucesso que o Brasil ainda vai aplaudir... Era Ruy Barata. (S II)*

18) *A pessoa, que no nosso caso, vai se formar como licenciado e que vai ser um professor... acho que... que vai ser um momento em que as pessoas vão decidir se vão seguir até o fim ou se vão pular do barco. (S III)*

19) *A mamãe disse: “mas Leó, eu não tenho condições... aproveita... vai junto com a Lucinha ... vai fazer no IEPE (curso)... vai fazer pra ti seres uma professora.”. (IV)*

Há, no entanto, um ponto que chama atenção: a discrepância no número de ocorrências, uma vez que enquanto na fala do Sujeito IV encontram-se 14 vezes o fenômeno, no Sujeito II há apenas duas aparições.

Buscando entender essa acentuada diferença, constatou-se que apesar da entrevista ser direcionada, os Sujeitos III e II raramente se referiam a eventos que seriam realizados após a fala. Os Sujeitos I e IV, por outro lado, apesar de preferirem relatar fatos passados, em alguns momentos ativeram-se a expor histórias que estão acontecendo atualmente em suas vidas e o que ainda pretendem realizar, resultando em construções no futuro do presente.

Além disso, em sua estrutura discursiva, os Sujeitos I e IV reproduziam, na íntegra, diálogos e pensamentos realizados no passado, mas que se referiam ao futuro, originando frases com esse tipo de característica. É válido ressaltar que os Sujeitos I e IV, que apresentaram a maior incidência do fenômeno no seu discurso, são do sexo feminino, podendo ser elaborada, portanto, a hipótese que o discurso feminino na maioria das vezes é mais detalhado e expansivo, o que é favorável para o desenvolvimento do processo.

A Tabela (4), por outro lado, apresenta a distribuição das ocorrências de uso das perífrases com o verbo *ir* expressando pretérito perfeito.

**Tabela 4:** Frequência de construções perifrásticas expressando pretérito perfeito

| Sujeitos     | Forma perifrástica para expressar pretérito perfeito | Forma simples Para expressar pretérito perfeito |
|--------------|--|---|
| Sujeito I    | 10   | 32  |
| Sujeito II   | 13   | 39  |
| Sujeito III  | 7  | 34  |
| Sujeito IV   | 8  | 32  |
| <b>Total</b> | 38 (21%)   | 137 (78%)                                       |

**Fonte:** dados de campo, agosto/14.

A análise dos dados constatou elevado uso dos modelos perifrásticos na fala dos sujeitos, todavia, como veremos a seguir, em alguns contextos, seu aparecimento deu-se mais acentuadamente. Partindo da tabela (4), nota-se que a constante de uso das formas inovadoras soma 21%, enquanto que as construções sintéticas contabilizam 78 pontos percentuais.

Apesar da disparidade nos números, a co-ocorrência de formas tradicionais e inovadoras em sentenças contextualizadas no pretérito perfeito é verdadeira, de modo que é possível encontrar inseridos no discurso de um mesmo sujeito ambos os tipos de construções. Os exemplos (20) e (21) comprovam tal afirmação:

20) Pesquisador: *Você já teve momentos felizes na sua vida?*

SII: *Momentos felizes?... Momentos felizes ... Tive... Quando com uma certa idade eu casei, tive minha filha... Mas té hoje tenho momentos felizes. (S II)*

21) Pesquisador: *O que você lembra de Brasília?*

SII: *Uma cidade bonita... Fria... Lembro de uma vez que... eu só vivia em Itaguatinga... Lá que eu morava... Eu fui conhecer o plano piloto, fui sozinho.*

Em cuidadosa análise, verificamos que, embora correlatas, as construções não podem permutar-se em qualquer contexto, até mesmo porque nas frases no pretérito

perfeito há manifestações de ambiguidade, porquanto a interação de *ir+ infinitivo*, nesse tempo verbal, não é perfeita, comprometendo o entendimento legítimo da sentença. Em (22), por exemplo, verificamos que pode ocorrer um entendimento dúbio, posto que acepções de tempo e espaço imbricarem-se nesses contextos.

22) *Com doze anos eu fui trabalhar com meu tio, mas não tinha remuneração. Fui trabalhar com meu tio no Ver-o-peso, ele tinha umas bancas de...de Bijuteria... Fui trabalhar com ele... (SII)*

Desta maneira, pode-se entender que o sujeito tanto pode ter se dirigido ao lugar onde realiza seu trabalho, quanto pode estar indicando uma ação perfeita realizada no futuro a partir do pretérito.

Com o intuito de compreender de maneira satisfatória essa particularidade, procurou-se averiguar se tal dubiedade semântica ocorre em todas as combinações sentenciais. Para isso, partimos do pressuposto de que o tipo de verbo ao qual *ir* está relacionado poderia intervir na sua interação.

Separámos, então, respectivamente, nos exemplos (23), (24) e (25) os verbos de acordo com as seguintes classificações postuladas por Vilela E Koch (2001, p. 66-67): verbos de ação, “implicam um fazer”; verbos de processo, “implicam um acontecer”; e verbos de estado, indicam a “permanência de um estado”.

23) *Era umas sete horas da noite e entreguei a chave de casa pra ela... e... A gente trancou a casa, só que [...] ela... ela colocou... Pendurou a chave de casa na saia dela... E aí ela foi correr na rua com as meninas. (S III)*

24) *Quando eu fui pra casa da minha sogra foi muito diferente a minha vida, muito diferente... por quê? Porque eu fui pra lá... Servir tipo assim... de empregada, entendeu? Eu fui perceber que não era fácil não... (S I)*

25) *Mamãe disse: “não, você vai sair daqui casa”... e saí, mana, fui morar na casa da minha sogra...Fui, mana, lá pra casa da minha sogra. (S I)*

Observamos que apenas quando junto a verbos de processo a ambiguidade é relativamente desfeita, posto que a integração de *ir+verbo de ação-processo* parece estabelecer-se coerentemente. Em todos os outros casos a dubiedade de sentido permanece, comprometendo a clareza das construções. Tais afirmações atestam que as perífrases com o verbo *ir* indicando pretérito perfeito estão em fase intermediária de gramaticalização, entretanto, essa forma composta caminha para progressividade na



gramaticalização. Afirma-se isso tendo como apoio o fato de que o maior número de ocorrências se dá entre os sujeitos mais jovens, o que nos revela ser uma tendência linguística a substituição das formas simples pelas perífrases com *ir* nos contextos orais.

De outro modo, em tempos verbais como futuro do presente e futuro do pretérito, independentemente da classificação do verbo ao qual *ir* está vinculado, o sentido mantém-se transparente. Considerando os dados obtidos, depreende-se que nas formas no futuro do pretérito e no futuro do presente, *ir* é empregado no seu sentido mais esvaziado, apresentando como acepção principal a noção de estender-se no tempo e não de estender-se no espaço.

No exemplo (26), temos a comprovação desse posicionamento, visto que diante da colocação extraída da fala do sujeito III, imediatamente inferimos a intenção de marcação temporal, dado que o deslocamento no espaço não pode ser realizado por um sujeito não animado (muro).

26) *Tinha um muro muito antigo lá... Ai a gente brincando... Eu me encostei. Quando eu vi, “o muro vai cair”... Eu derrubei o muro. (S III)*

Destarte, depreende-se que num grau menos gramaticalizado ou pertencente a uma categoria híbrida, temos as predicções compostas no pretérito perfeito, posto que apresentam dupla significação, indicando um decurso incompleto da metáfora espaço-tempo. Por outro lado, num grau mais avançado de gramaticalização estão as construções perifrásticas no futuro do pretérito e no futuro do presente, situadas em final de gramaticalização.

### Considerações finais

A pesquisa objetivou analisar os usos gramaticalizados do verbo *ir* em construções perifrásticas na fala dos moradores de Belém, além de indicar novas tendências de uso. Os resultados do trabalho foram deveras produtivos, uma vez que a gramaticalização do verbo *ir* é um fenômeno de grande abrangência e frequência, o que proporciona uma gama variada de conclusões e entendimentos sobre a dinamicidade da linguagem.

Os resultados indicam que o processo de gramaticalização do verbo *ir* está em fase final quando inserido em contextos no futuro do pretérito e no futuro do presente, entretanto, quando no pretérito perfeito, o processo está em fase intermediária, posto que

apresenta restrições de uso. Essas restrições configuram o processo ainda incompleto de gramaticalização, não indicando mudança linguística

Os dados numéricos revelam a existência de uma inclinação para a substituição de formas simples para expressar *futuro do pretérito* e *futuro do presente* pelas construções *ir+infinitivo*. Na pesquisa foi alcançado o índice de 100% de preferência, mostrando que esse verbo, nas construções em análise, assume o papel de auxiliar de tempo, ou seja, sofre a reanálise categorial.

Ir+infinitivo quando expressa *futuro perfeito*, concorre com as formas simples, não apresentando porcentagem de ocorrência muito elevada, porém são significativas para o estudo. Apesar de estar em etapa intermediária de gramaticalização, acreditamos que essa forma configura uma tendência de mudança linguística, uma vez que sua assiduidade é expressivamente maior na fala dos usuários mais jovens da língua. Assim, parece-nos que futuramente grande parte dos falantes adotará esta forma.

### Referências

- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- GONÇALVES, S. C. L. LIMA-HERNANDES, M. C. & CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HOPPER, P. *On some principles of gramaticalization*. In: Traugott, E.C; Heine B. (orgs.) *To gramaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Moura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, DLF, 1996.
- MARTELOTTA, E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil, 2005.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- VILELA, M. e KOCH, I.V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

Artigo recebido em: 14/09/18

Artigo aceito em: 12/10/18